

VÍRUS, CONTAMINAÇÕES E CONFINAMENTOS

PANDEMÍDIA

LabArteMídia

Almir Almas

Luís Fernando Angerami Ramos

Deisy Fernanda Feitosa

Daniel Lima

Lyara De Oliveira

João Knijnik

(Orgs.)

SOMOS O QUE PRODUZIMOS? UMA REFLEXÃO SOBRE A MÍDIA EM PLENA QUARENTENA

Luís Fernando Angerami Ramos e Beatriz Di Giorgi

1 - UM OLHAR SUBJETIVO

Com *Pandemídia*, o LabArteMídia nos convida a pensar efeitos da pandemia na mídia contemporânea e nos instiga a “abraçar as contradições que vêm com tal acontecimento”. É justamente este universo de contradições que provoca a reflexão que se segue: somos o que produzimos? Uma reflexão permeada de perguntas. Sua riqueza é o calor e a emoção do momento, em que pese a falta de distanciamento.

2 - A IMPOSIÇÃO MIDIÁTICA DE ACOMPANHAR A VIDA EM TEMPO REAL

De imediato, todos nós temos constatado que os assuntos ‘pandemia’ e ‘a vida na quarentena’ tomaram as redes em escala mundial. Milhões de pessoas estão confinadas em suas casas e, como consequência natural, recorrem às redes sociais para manter contato com a família, com amigos, desenvolver atividades profissionais, educativas, e buscar informação, alívio e distração em sessões de *lives*, *webinars*, cursos online, vídeos e etc. Um movimento, quase que involuntário, de aderir, penetrar e participar do espetáculo midiático, devido à necessidade/urgência de estar presente, de realizar, de produzir. Atos que já faziam parte do nosso cotidiano antes da pandemia e, agora, parecem ter se tornado uma obrigação. É nesse contexto que surgem repetições exaustivas de afirmações de que ‘o mundo mudou’ e que, de agora em diante, estamos sob a égide de ‘um novo normal’ mediado, essencialmente, pelas mídias digitais. Estas falas parecem querer significar que, passada a pandemia, as relações humanas estarão substancialmente transformadas. Será?

3 - A ELABORAÇÃO DA DOENÇA E DO LUTO NAS REDES SOCIAIS

A covid-19 explicitou nossa fragilidade enquanto seres vivos, escancarou a presença da morte em um contexto cultural em que as pessoas são, via de regra, despreparadas para lidar com a impermanência. Há alguns anos temos observado que a comunicação digital via internet, ainda que discretamente, vem mudando a relação das pessoas com a morte, como se pode observar com a manutenção de perfis de usuários

nas redes sociais mesmo depois de suas mortes. Esses perfis têm funcionado como uma espécie de tributo e representam uma novidade na forma de lidar com os mortos, muitas vezes tratados como se vivos estivessem.

Recentemente, uma experiência que chamou muita atenção foi o uso da realidade virtual para promover um "encontro" entre uma mãe e sua filha falecida, na Coreia do Sul. O programa "Meeting You", criou uma versão virtual de Nayeon, que morreu em 2016, aos 7 anos de idade, com a voz, as feições e o corpo da menina, e gravou a conversa de sua mãe com o corpo virtual de sua filha, em 2019, como se ela estivesse viva na frente da mãe. A realidade virtual poderá substituir a experiência de contato com o humano?

Com o avanço da pandemia e o altíssimo risco de contágio, muitas atividades concernentes ao relacionamento com doentes e mortos estão sendo realizadas via online, com pessoas internadas em quartos, UTIs, e em sepultamentos. Neste contexto observamos que as novas formas virtuais de "visitar" ou "enterrar", evidenciam as diferenças sociais: os mais ricos podem realizar estes rituais, ainda que de forma limitada, enquanto os mais pobres, muitas vezes, sequer conseguem ter contato com seus doentes e mortos, já que hospitais, funerárias e cemitérios populares não oferecem a comunicação online. Donde se constata que, também no universo virtual, as pessoas estão limitadas a um determinado espaço de atuação, maior ou menor, em proporcionalidade às suas capacidades socioeconômicas. A lógica capitalista se apresenta, aqui também, com sua face de desigualdade.

É perceptível, portanto, que até na questão da experiência do luto, a inserção na rede virtual reproduz a dinâmica da injustiça. O que nos remete a pensar sobre o significado político da ocupação e uso das mídias sociais.

4 - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE NATUREZA, CAPITALISMO E MÍDIA

A sociedade global tem vivido graves problemas decorrentes da forma em que nos relacionamos com a natureza no processo de produção capitalista. Nas últimas décadas, vários alertas têm sido feitos de que é preciso repensar o conceito de produção, na perspectiva de transformar nossa interação com a natureza. *"O planeta saiu da esfera do conhecimento local e regional, saltando para uma dimensão global: interligado pelas redes de comunicação, qualquer ponto da Terra pode ser visualizado e pesquisado, em qualquer momento, obtendo-se informações praticamente instantâneas sobre os mais diversos acontecimentos que envolvem o homem, a sociedade e a natureza. A comuni-*

cação passou a fornecer subsídios para que a humanidade se coloque diante de si mesma numa perspectiva de avaliação de seu passado, da trajetória de seu desenvolvimento e de projeção de seu futuro.” (Ramos, 1996)

Natureza e sociedade têm uma relação histórica e interdependente. Na dinâmica do sistema capitalista, a natureza é tida como um baú de recursos infinitos, que permite a extração e produção de riquezas. A natureza precede o capitalismo e o ser humano faz parte da natureza. Não obstante, o capitalismo tem acentuado a perda da identidade do ser humano com a natureza, na medida em que o humano vai se distanciando do seu lugar na natureza. É um processo contraditório e limitador. Ao se distanciar da natureza o ser humano perde sua liberdade, vê limitado seu acesso aos meios de produção e consumo, restando-lhe, tão somente, vender sua mão-de-obra.

Lideranças e pensadores como Ailton Krenak (2019, p. 23), entre outros, vêm alertando para a necessidade de repensarmos nosso modo de vida: *“o que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência da Terra não suportar a nossa demanda.”*

A necessidade de reformular a estrutura capitalista e transformar o modo de vida da sociedade industrializada - baseada no consumo desenfreado e apoiada no distanciamento do ser humano com a natureza - aponta para uma reflexão sobre o papel das tecnologias de comunicação digital nesse processo. Num primeiro momento, o advento de diversos tipos de aplicativos, e sistemas de processamento de informações, foram saudados como um portal para uma nova era de liberdade de escolha, de criar pontes e conexões entre quem tem um trabalho/produto a oferecer e quem precisa desse bem/serviço. Enfim, vislumbrava-se uma promessa de grande avanço nas relações de trabalho e serviços. Passado algum tempo, temos assistido a uma apropriação dessa tecnologia por grandes corporações resultando em um processo acelerado de exploração da força de trabalho, notadamente em camadas sociais mais vulneráveis, com jornadas extenuantes, rendimentos diminutos, nenhuma garantia contratual, ausência de assistência médica e/ou previdenciária. Na pandemia, estamos assistindo a um processo semelhante no que tange às tecnologias de comunicação à distância, igualmente saudadas como um grande facilitador das relações de trabalho, capazes de manter as empresas e as escolas funcionando no período de isolamento social, enfim mantendo as engrenagens girando. No entanto, já são evidentes os problemas decorrentes: profissionais,

de diversos setores, relatam que o 'home office' transformou-se num martírio, aumentando a pressão e a carga de trabalho, em meio a uma jornada já intensa de atividades domésticas e cuidados decorrentes da proteção contra a covid-19. Resultado: esgotamento físico e mental. No campo da educação, os relatos sobre a dificuldade de acompanhar aulas à distância, de absorver conteúdos propostos, de esclarecer dúvidas e, minimamente, interagir com os professores, têm revelado nosso despreparo para usar, adequadamente e de forma saudável, os recursos tecnológicos disponíveis.

Por conta desses sintomas, despontam alguns questionamentos: estamos sabendo lidar com o "novo mundo" que está sendo desenhado via online? Ou estamos reproduzindo valores do "velho mundo" em uma nova roupagem ainda mais perversa? A sociedade virtual poderá substituir a experiência de contato com o humano, com a natureza?

5 - A ONIPOTÊNCIA DA PRESENÇA VIRTUAL

A exacerbação do papel das mídias sociais parece nos dizer, a todo tempo, que se não produzirmos, se não nos expressarmos, não existimos. O silêncio nas mídias equipara-se a uma morte simbólica do ser. Não basta ser, é preciso postar (estar presente nas mídias). Eis mais uma forma de servidão contemporânea que, com diferentes algozes, parece alimentar à insaciável sede do capitalismo.

Essa situação que a pandemia nos impôs nos leva a refletir com mais intensidade sobre o comportamento que estamos demonstrando no uso das mídias digitais. Por um lado, está forjado, nas "bolhas" que ocupamos, o entendimento que o atual estado de isolamento físico é decorrente de um processo histórico de esgotamento das relações com o meio ambiente, de trabalho e do consumismo desenfreado. Por outro, estamos a reproduzir uma participação passiva e subserviente ao sistema, nos colocando no lugar, ou aceitando o lugar, daqueles que têm que produzir / mostrar / registrar o que está a nossa volta, sob ameaça de não valorizarmos nossa existência. Em outras palavras, é complicado pretender afastar-se da lógica capitalista que nos têm como objetos e, ao mesmo tempo, nos submetemos às exigências midiáticas de fazer, no mínimo, um "espetáculo" por dia e sermos, assim, reduzidos ao que postamos, ao que produzimos. Superar essa contradição é um enorme desafio a ser enfrentado por todos nós.

Ao longo da história, o ser humano se viu, inúmeras vezes, diante da exigência de limitar o uso de objetos que inventou, sob pena de se ver por eles destruído. O que ocorre com o avião, por exemplo, que pode servir para vencer longas distâncias com

rapidez assim como pode servir para realizar bombardeios. Ou como uma faca, que pode ser a arma de um homicídio ou o bisturi que salva uma vida. As mídias digitais que nos avisam dos horrores que se pratica mundo a fora, como o brutal assassinato de George Floyd, agilizam a organização de protestos antirracistas e contra a violência policial, ao mesmo tempo em que também são veículo de disseminação de ódio, nazismo, racismo e homofobia.

A questão que envolve o uso das criações humanas é de máxima importância para definição dos rumos da história. Percebemos que há risco real de persistimos na inversão de papéis e sermos dominados pelos desígnios de grandes corporações e não conseguirmos nos libertar da opressão do trabalho exagerado e mal remunerado, desprovidos de capacidade decisória e de autonomia de vontade.

6 - UM NOVO MUNDO? OU O MESMO MUNDO? QUAL MUNDO QUEREMOS?

Em artigo veiculado no Jornal da USP, Camila Braga nos informa que o movimento criado pelo Conselho Latino-Americano de Investigação para a Paz (Claip), cujo slogan 'Uma Nova Normalidade é possível e necessária' *"convida cidadãos latino-americanos e ao redor do mundo a refletir sobre o passado, presente e futuro de nossas sociedades. Nosso objetivo é estimular o compromisso cidadão com a construção participativa de uma nova normalidade justa e necessária, por meio da conscientização e reflexão coletiva. Iniciado no dia 14 de maio, esse movimento de comunicação para a paz visa ainda, através da ação coletiva, a tensionar as estruturas, narrativas e práticas que antes considerávamos normais"*.

Em um trecho o manifesto afirma: *"a profunda crise mundial que hoje sofremos por conta do vírus SARS CoV-2 é um sintoma da normalidade enferma em que vivíamos. A virulência da crise é potencializada por um modelo civilizatório que antepõe os interesses particulares sobre os direitos universais, que privatiza os benefícios e socializa as perdas, que estimula a acumulação de uns poucos à custa do despojo de muitos e que impõe uma cultura política aniquiladora da vida. Nenhum bem está a salvo das garras do egoísmo exacerbado por políticas privatizadoras que se fazem passar por públicas: nem a água que bebemos, nem o ar que respiramos. Tampouco nossa exígua liberdade se encontra a salvo, agora confundida com a auto exploração a qual nos submetemos."*

Em suma, a pandemia nos trouxe a urgência de questionar a lógica produtivista: quanto mais você produz, mais é exigido de você e menos sua produção é valorizada.

O lucro prevalece sobre a pertinência da produção, a quantidade se sobrepõe à qualidade e à necessidade.

Nesse contexto, o sociólogo Bruno Latour, em artigo recente *“Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise”*, se alia àqueles que acreditam que a pandemia mostrou ser possível desacelerar o sistema econômico, constatação que contradiz discursos políticos hegemônicos que vinham negando a possibilidade concreta de transformação dos modos de vida. Latour avança a tese que a interrupção da nossa forma de viver (a alteração do nosso *modus vivendi*), imposta temporariamente pela pandemia, oferece um caminho de reflexão sobre o mundo que queremos. Nesse contexto, ele sugere que respondamos, primeiro individualmente e depois coletivamente, algumas perguntas essenciais e complexas, que ele formulou para tentarmos fazer a mudança:

1. Quais as atividades agora suspensas que você gostaria de que não fossem retomadas?
2. Descreva por que essa atividade lhe parece prejudicial / supérflua / perigosa / sem sentido e de que forma o seu desaparecimento / suspensão / substituição tornaria outras atividades que você prefere mais fáceis / pertinentes.
3. Que medidas você sugere para facilitar a transição para outras atividades daqueles trabalhadores / empregados / agentes / empresários que não poderão mais continuar nas atividades que você está suprimindo?
4. Quais as atividades agora suspensas que você gostaria que fossem ampliadas / retomadas ou mesmo criadas a partir do zero?
5. Descreva por que essa atividade lhe parece positiva e como ela torna outras atividades que você prefere mais fáceis / harmoniosas / pertinentes e ajuda a combater aquelas que você considera desfavoráveis.
6. Que medidas você sugere para ajudar os trabalhadores / empregados / agentes / empresários a adquirir as capacidades / meios / receitas / instrumentos para retomar / desenvolver / criar esta atividade?

Estamos em um momento crucial, precisamos descobrir o que queremos do mundo e do papel da mídia digital, bem como desenvolver uma espécie de metodologia para alcançar a transformação almejada. Talvez as questões propostas por Bruno La-

tour e pelo manifesto *'Uma Nova Normalidade'* possam oferecer um roteiro inicial para uma reflexão sobre os caminhos para nos contrapormos às forças que nos querem limitar apenas ao que produzimos. Os seres humanos têm, certamente, potencial para ser muito mais do que isso.

REFERÊNCIAS:

BRAGA, Camila Braga. "Por uma nova normalidade". 29/05/2020. Disponível em jornal.usp.br/?p=325602. Acesso em 10/06/2020.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. "Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise". 29 março 2020. Tradução Déborah Danowski. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5243658/mod_resource/content/0/B%20Latour%2C%20Imaginar%20gestos%20que%20barrem.pdf. Acesso em 10 maio 2020.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. Meio Ambiente e Meios de Comunicação. São Paulo: Annablume & Fapesp, 1996.

"Uma nova normalidade". Manifesto do Conselho Latino-Americano de Investigação para a Paz, CLAIP. 14/05/2020. <http://unanuevanormalidad.org>. Acesso em 10/06/2020.

LUÍS FERNANDO ANGERAMI RAMOS

Professor doutor da Universidade de São Paulo, atuando no Departamento de Cinema, Rádio e TV da Escola de Comunicações e Artes da USP desde 1997, sendo responsável por disciplinas nas áreas de direção e linguagem audiovisual. Pesquisador nas áreas de Audiovisual (cinema, TV e vídeo) e Comunicação Ambiental. Vice coordenador do Grupo de Pesquisa LabArteMídia - Laboratório de Arte, Mídia e Tecnologias Digitais. No campo da realização audiovisual, atuou em atividades de criação, roteirização, produção e direção de programas em vídeo, TV e cinema.

BEATRIZ DI GIORGI

Advogada, conselheira da Comissão de Direitos e Prerrogativas da OAB-SP, conciliadora/mediadora judicial e privada. Foi professora na Faculdade de Direito da PUC/SP e, atualmente, leciona na APAMECO - Academia Paulista de Mediação e Conciliação. É autora de diversos artigos e livros abordando temas jurídicos, direitos humanos, feminismo, ética, conciliação e mediação. É também poeta e publica regularmente poesias em diversas revistas especializadas.